

FLUSSER, V. *apud* ÁVILA, M. Apresentação: os intelectuais e o papel da crítica. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2010. Disponível em <<http://is.gd/g6XDhE>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

MICELI, S. Intelectuais brasileiros. In: *O que ler na Ciência Social no Brasil (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré, 2002. v. 2: Sociologia.

MICELI, S. *Poder, sexo e República Velha: estudo clínico dos anatólios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOVAES, A. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PECÁUT, D. Prefácio. In: *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Ática: São Paulo, 1990.

PONTES, H. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Vandalismo e política nas redes sociais

Caso dos Anonymous e Black Bloc

Regina Helena Alves da Silva

Inês Correia Guedes

Amanda Chevtchouk Jurno

Gabriel Mascarenhas Ribeiro de Paula

No dia 10 de junho de 2013 ocorreu em São Paulo, no Brasil, uma manifestação que daria lugar a uma onda nacional de protestos. Ocorreu na conjuntura de uma grande competição esportiva, a Copa das Confederações e na eminência da Copa do Mundo que têm como sede o Brasil. Apesar dos conflitos terem girado em torno desses dois eventos, o mote principal, inicialmente, foi o aumento de R\$ 0,20 no valor das passagens na cidade de São Paulo. Contudo, à medida que ocorriam, as manifestações mudaram o foco principal e passaram a tratar de outras questões, tanto políticas quanto econômicas. Diversas causas se juntaram e os protestos assumiram uma diretriz de luta por direitos civis. Desse modo, foram incluídos os protestos pela não aprovação dos Projetos de Emenda Constitucional (PEC 33, 37 e 99, principalmente), contra o “estatuto do nascituro”, contra o projeto de lei intitulado “cura gay”, o direito de *ir e vir*, por fim, o direito a *saúde e educação Padrão FIFA*,¹ entre outros.

¹ Os excertos grifados referem-se a “gritos de ordem” ouvidos nas ruas durante as observações participantes, e recolhidos por via da consulta diária de diversas postagens coletivas ou individuais no Facebook.

Justamente por ser sede desses eventos, o Brasil se tornou notícia de destaque na mídia nacional e internacional. Um dos focos das coberturas foi a violência dos protestos que ocorreram com abrangência nacional e, em particular, os atos de vandalismo realizados pelos manifestantes. A atuação da polícia também foi noticiada diversas vezes, lembrando que o país é conhecido por ter uma das corporações policiais mais violentas do mundo.

Uma análise desses movimentos sociais urge, não apenas porque a crise da democracia representativa, da participação e da cidadania são questões políticas e sociais na ordem do dia, mas também porque é preciso trazer alguma inteligibilidade ao conflito que eclodiu. O discurso sobre a figura do “vândalo” e dos atos de vandalismo foi sofrendo mutações ao longo dos protestos que podem ser observadas através dos discursos de manifestantes, jornalistas e internautas. Aqui se pode evidenciar um conflito discursivo: o discurso midiático e dos representantes do Estado (incluindo a polícia), acerca dos atos de vandalismo e violência, se confronta com outros discursos que ressignificam esses mesmos atos como forma legítima de atuação política, por exemplo.

O texto que se segue procura compreender esse fenômeno de produção e reprodução de significados, em particular, no que diz respeito às narrativas acerca da figura do “vândalo”. Partindo de questionamentos surgidos durante as observações participantes dos protestos na cidade de Belo Horizonte e do discurso veiculado no perfil do Facebook de dois “grupos” assumidamente envolvidos nos protestos, assim como do discurso veiculado em três jornais, buscamos evidenciar quais as representações dominantes e conflitos relacionados com questões políticas. O objetivo principal deste texto é colocar algumas hipóteses e questionamentos acerca dos fenômenos de

mobilização e protesto no Brasil. Como tal, faz parte de um *work in progress* analítico, de um esforço mais amplo de compreensão do fenômeno de movimentação social e protesto que ocorre no país.

Deste modo, estruturamos o texto em três momentos principais. Num primeiro momento, iremos contextualizar os protestos que ocorrem no Brasil no debate acerca dos novos movimentos sociais e da crise da participação democrática. Seguiremos para uma exposição dos principais resultados da pesquisa, primeiro os referentes às observações participantes e análise da imprensa da cidade de Belo Horizonte e, posteriormente, os referentes aos perfis do Facebook dos Anonymous Rio e Black Bloc RJ. Por último, discutiremos a interpretação dos fatos. Concluiremos o texto indicando os principais limites encontrados e propondo questões para futuras investigações.

Contextualização teórica: os “novos” movimentos sociais em rede

Ao redor do mundo, é possível ressaltar diversos movimentos que vêm surgindo como reação à pobreza, à crise econômica e à falta de democracia. Veja-se que em 2010 na cidade de Sid Buzid, Tunísia, uma onda de protestos se iniciou com a imolação de um jovem vendedor ambulante. Seguiu-se Alexandria, no Egito, em 2011. Várias outras cidades no mundo islâmico se juntaram, dando origem ao que foi apelidado de Primavera Árabe. Na Europa, assistimos ao movimento dos Indignados, que se iniciou em Madri em 2011 e se expandiu a Portugal, Grécia e Turquia, mais recentemente. Ainda em 2011 aconteceu o Occupy Wall Street em Nova Iorque e, recentemente, a onda de protestos brasileira que se

inflamou em junho de 2013, inicialmente na cidade de São Paulo.²

Faz sentido aglutinar esses fenômenos e analisá-los de forma conjunta? O que têm em comum esses protestos que ocorrem em locais tão diferentes quanto Nova Iorque, Alexandria e São Paulo?

Essas mobilizações em massa, segundo Castells (2012), correspondem a um mesmo fenômeno: “novas formas de participação política” ou movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2013). Uma abordagem comparativa permite vislumbrar semelhanças, entre os diversos movimentos, e dessemelhanças, entre os novos movimentos e os tradicionais. Tratemos em primeiro lugar dos pontos em comum desses movimentos e num segundo do que os difere dos movimentos tradicionais.

Em comum, essas movimentações foram iniciadas em âmbito local, em territórios urbanos concretos, se expandindo progressivamente a outros locais até atingirem proporções nacionais e internacionais. Acerca da tese de David Harvey, [John Brissenden e Ed Lewis] argumentam precisamente acerca do papel das cidades nesse processo:

É a elas que afluem – e lá que se articulam – as multidões às quais o capital já não oferece alternativas. Esta gente estabelece novas formas de sociabilidade, identidade e valores. É nas metrópoles que aparecem a coesão reivindicante das periferias; novos movimentos como Occupy; as fábricas recuperadas por trabalhadores em países como a Argentina; as famílias que

² A ordem pela qual apresentamos os protestos não pretende assumir uma postura de análise cronográfica ou indicar que um protesto tenha dado origem a outro. Queremos apenas argumentar a diversidade de protestos que tem acontecido ao longo dos últimos anos em diversas cidades de diversos países e problematizar as suas semelhanças, assim como as suas características próprias.

fogem ao padrão nuclear-heterossexual-monogâmico. Nestas cidades, portanto, concentram-se tanto as energias do capital quanto as melhores possibilidades de superá-lo. Elas não são túmulos, mas arenas. Aí se dá o choque principal entre dois projetos para a humanidade (BRISSENDEN; LEWIS, 2012).

É comum entre esses “novos” movimentos, também, o papel das redes sociais na comunicação e visibilidade dos protestos, servindo de ferramentas de organização, mobilização e difusão. Por outro lado, contribuíram ainda para uma rápida expansão territorial das ações e uma descentralização da luta (ALVES, 2012). O espaço cibernético e o espaço urbano interagem mutuamente e as redes oferecem a oportunidade de pessoas que nunca se movimentaram nesse sentindo participarem do processo.

Da segurança do ciberespaço, gente de toda a idade e condição se atreveu a ocupar o espaço urbano [...] reclamando seu direito de fazer a história – sua história – em uma demonstração da consciência de si mesmos que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (CASTELLS, 2012, p. 20, tradução nossa).

E por último a ausência de uma liderança única e formal assim como uma autonomia política e ideológica (CASTELLS, 2012; 2013; HARVEY, 2012).

Mas até que ponto estamos perante um novo fenômeno de participação e mudança social? O que distingue os movimentos do passado (por exemplo, o de maio de 1968) dos movimentos atuais?

Para Harvey (2012) o que difere essas formas de luta e de organização social das formas mais tradicionais é que não mais é possível discernir claramente uma luta de classes. Nesses protestos os coletivos participantes

compõem-se como núcleos organizacionais menos restritos que os coletivos tradicionais, ultrapassando desse modo a noção clássica de classe social. Lucas (2006) concorda que as ações de protesto e mudança social da atualidade têm uma matriz coletiva sem, no entanto, assumirem uma configuração classista.

Castells (2012) concorda que estamos perante um fenómeno distinto. Nas mobilizações analisadas em seu livro *Redes de indignação e esperança* (tradução nossa), os manifestantes “ignoraram os partidos políticos, desconfiaram dos meios de comunicação, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram qualquer organização formal, dependendo da internet e das assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões” (p. 21, tradução nossa). É como se esses movimentos espelhassem uma crise de fé nas instituições e formas de participação democráticas tradicionais.

Para Boaventura de Sousa Santos (2011), um dos pontos distintos dos novos e “velhos” movimentos e formas de protesto tem a ver com os perfis sociais dos manifestantes. A massa de manifestantes em diversas cidades europeias incorpora jovens, estudantes, trabalhadores, reformados. Alguns pertencem à chamada “sociedade civil organizada”, outros não. Outros são sindicalistas e/ou militantes dos “novos” movimentos sociais. Apesar dessa diversidade, interagem nos mesmos espaços exigindo mudanças e direitos:

Estamos diante de novas formas de mobilização política que se apresentam como extrainstitucionais e buscam pressionar o sistema político desde fora. As distinções convencionais entre a sociedade organizada e a não organizada, entre a sociedade civil politizada e a não politizada, têm que ser reformuladas pois já não se aplicam como o foram até agora.

Contudo, Alves (2012) argumenta que essa massa de manifestantes é socialmente mais homogênea do que à partida outros autores concebem. Para esse autor, estamos, antes de mais, perante um fenómeno de “globalização ‘dos de baixo’”. Ou seja, a condição de trabalho proletariado e de precariedade laboral generalizou-se de tal modo que se criou um sentimento comum de estar sendo atingido pela mesma “farsa democrática dos países capitalistas” (p. 33).

A aparente divergência entre autores parece estar ligada aos ideais marxistas – se concordam ou não com esta visão – ou com o foco mais macro ou microsocial da análise. Contudo, parecem concordar que a configuração societal dos manifestantes é atualmente mais complexa do que em outros momentos. Também parece haver consenso quanto a uma universalização e uma diversificação das pautas de luta, em parte porque o objeto contra o qual se luta não é mais tão definido quanto outrora. Isto é, a luta clássica por direitos de trabalho ligada à desigual distribuição entre meios e força de produção estendeu-se a outros pontos dos direitos humanos e civis, assumindo uma configuração de luta pelos direitos à cidade como Lefebvre (2006) conceitua. Essa diversidade e heterogeneidade do movimento ocorrem, portanto, nas pautas de lutas.

O detalhe crucial que podemos salientar [...] é que esses são movimentos democráticos de massa e ocorrem em países capitalistas sobre o Estado de direito democrático – o que não era o caso da Tunísia e do Egito. A ampliação do desemprego e da precariedade social no decorrer da década de 2000 [...] impulsionou o radicalismo das massas de jovens (e velhos) precários e indignados com governos social-democratas e conservadores [...] os novos movimentos sociais são reverberações radicais do capitalismo financeiro senil (ALVES, 2012, p. 34).

Os protestos inseridos nesses “novos” movimentos sociais são marcados por uma mescla de situações de crise econômica e de crise político-democrática. O mesmo autor declara que essa questão demonstra que a condição de trabalho proletariado ou do precariado se universalizou, o que permitiu que emergisse uma diversidade de demandas.

É questionável que essa tese caiba como explicação para o fenômeno brasileiro. De fato, o Brasil não é, no momento atual, um país em crise econômica, apesar da precariedade ainda ser evidente. O número de famílias em ascensão social aumentou na última década com o governo do PT e as suas políticas sociais, mas a pobreza ainda persiste. A precariedade persiste principalmente em áreas geográficas específicas: nas periferias da cidade, nas favelas e no interior, acumula-se nas faixas mais precárias da população. Porém não foi nesses locais que emergiu o “movimento”, mas na “Cidade” ou no “asfalto”, na classe média-alta, branca e escolarizada. Ainda assim, se a precariedade econômica é um fator que eventualmente possa ter menos peso no fenômeno que aqui retratamos, a precariedade social não o é. O estado de bem-estar e previdência é fraco no Brasil, se não embrionário. Estaríamos, então, perante uma crise das instituições, uma crise social e política? A resposta aparenta ser positiva.

Mas ainda a propósito dessa “nebulosidade” ideológica, Slavoj Žižek (2012) afirma: “Sim, os protestos realmente criam um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica [...]” (p. 18). Esse autor afirma que existe uma incongruência, quase infantil, em negar a validade do sistema político instituído, mas, ainda assim, dirigir a ele as demandas de mudança. Citando Lacan, “Como revolucionários, vocês são histéricos que demandam um novo mestre. Vocês o terão.” (p. 24). O autor propõe que os manifestantes sabem as respostas e não as perguntas, e que

estas cabem aos intelectuais. A sua postura analítica acaba por ser um pouco arrogante, no sentido em que assume uma postura de *expertise*. Contudo ressalva: a ignorância dos manifestantes não tem valor absoluto, mas os “intelectuais”, ou cientistas, são mais capazes de fazer uma análise descomprometida.

Alves (2012) contrapõe essa tese defendendo que precisamente essa espontaneidade e liberdade ideológica são a força desses movimentos. O autor nos diz que: “Simultaneamente, vislumbramos a crise do pensamento crítico corroído pelo pós-modernismo e neopositivismo [...] Na medida em que renunciou, em sua maioria, à crítica radical do capitalismo a título da crença na possibilidade do ‘capitalismo ético’ [...]” (p. 35). Aplica essa tese ao fenômeno dos “novos” movimentos na Europa, mas também pode ser aplicada a outros contextos geopolíticos. No que diz respeito à realidade sobre a qual nos propomos a refletir – o Brasil – parece que o compromisso da classe política local também é com o capitalismo ético. Aliás, essa impossibilidade do “capitalismo ético” cumprir os seus desígnios teve um papel fundamental na explosão de protestos do país. Observando as mobilizações, podemos encontrar alguns indicadores dessa crise, por exemplo, com os gritos que denunciam a “compra” do país pela FIFA e a forma como a cidade volta as costas aos seus cidadãos.

Os novos movimentos sociais, a princípio, não incorporam utopias grandiosas de emancipação social que exijam clareza político-ideológica. Pelo contrário, eles expressam, em sua diversidade e amplitude de expectativas políticas uma variedade de consciência social crítica capaz de dizer “não” e mover-se contra o status quo... Mas não podemos considerá-los, a rigor, movimentos sociais anticapitalistas... a função heurística magistral dos novos movimentos sociais

é tão somente expor as misérias da ordem burguesa senil (p. 36).

Portanto, mais importante do que propor alternativas, para este autor a novidade reside na capacidade de dizer não ao *status* econômico, social e político atual das nossas cidades e países.

Contudo, em face dessa heterogeneidade de pautas e à heterogeneidade social dos participantes a dúvida permanece: estaremos de fato em face dum movimento social? Ou será que o conceito de movimento está mais ligado ao conceito de mobilidade e menos ao conceito de grupo? Acreditamos estar perante um fenômeno complexo que conjuga diferentes formas de apropriação e usos políticos do espaço cibernético (a título de exemplo a criação de “eventos” no Facebook, o uso de *smartphones* e outros dispositivos de captação de imagens e consequente divulgação simultânea) e do espaço urbano (a título de exemplo as assembleias horizontais, e as “táticas de guerrilha urbana”). São formas de atuação política que se pautam por uma grande plasticidade culminando na formação temporária de coletivos de indivíduos nas ruas e na rede. Ou seja, parece mais um fenômeno de indivíduos em movimento que em determinados momentos se configuram como grupos sociais partilhando ideologias, pautas de luta, imagens, vídeos, espaços de luta e conflito, do que um movimento de indivíduos em grupos formais.

Após essas considerações mais teóricas, podemos verificar que, apesar de haver um estudo consolidado das questões que gravitam em torno das formas de organização e participação nessas movimentações, carecemos ainda de uma interpretação dos atos de violência que assolaram o país durante as Jornadas de Junho. Resta então compreender de que forma a violência se configurou como vandalismo e ato criminoso e, paralelamente, como

forma de atuação política. O nosso problema intelectual é, portanto, como é que a violência foi socialmente produzida e reproduzida.

Nas próximas alíneas apresentaremos os dados empíricos recolhidos por meio de observação participante nos atos de protesto de Belo Horizonte, análise de imprensa e análise de conteúdo de postagens. Discutiremos também os principais resultados da nossa análise. Escolhemos analisar as páginas do Black Bloc RJ e do Anonymous Rio por serem dois dos “grupos” vinculados à representação de “vandalismo” durante o clímax das manifestações no Brasil. Por outro lado, a escolha de analisar dados provenientes da observação de duas realidades urbanas diferentes permite-nos triangular dados e, desse modo, ampliar a nossa amostra de observação.

Os “vândalos” das Jornadas de Junho: observação participante e análise de imprensa

O trabalho que se segue enquadra-se num processo de observação e análise, que ocorre há pelo menos três anos, dos preparativos para os grandes eventos que o Brasil irá albergar até 2016 (as Copas e as Olimpíadas). No que se refere às Jornadas de Junho acompanhamos e participamos das diversas manifestações que ocorreram em Belo Horizonte do dia 16 de junho a 10 de julho.³ Acompanhamos também as coberturas midiáticas de massa e independentes

³ As observações participantes realizadas foram efetuadas por diversos membros do CCNM de forma individual. Observamos e participamos nas marchas, em diversas seções da Assembleia Popular Horizontal e na ocupação da Câmara de Belo Horizonte. Dessas observações resultaram registros de campo, fotografias e vídeos. É com base nesses materiais que surgiram os questionamentos e experiências que compõem este livro, em geral, e este artigo, em particular.

(Rede Globo, Mídia Ninja, BH nas Ruas, Maria Objetiva, entre outras), assim como postagens e compartilhamentos em diferentes redes sociais (particularmente o Facebook e o Twitter, por serem as redes mais “populares” do momento). Desse modo podemos aperceber-nos de que o discurso da mídia não correspondia às nossas observações *in loco*. Nas observações participantes fomos percebendo que os atos de violência, ou atos de vandalismo, como foram identificados pelas instâncias de controle social tradicionais, não eram generalizados. Quando ocorriam eram ora isolados a um pequeno agrupamento de manifestantes (nunca assistimos a atos que envolvessem mais que dez pessoas),⁴ ora ocorriam após o final das marchas quando os manifestantes iniciavam a retirada do campo de confrontações. Assistimos também, por diversas vezes, à inaptidão ou desinteresse, por parte das forças policiais, em intervir nesses “focos” de violência. Por outro lado, apercebemo-nos que nas redes sociais esse era um tema quente.

Começamos, então, a perguntar-nos: quem são de fato esses “vândalos”? Em primeiro lugar, exploramos notícias, de jornal e de telejornal, para perceber que discurso era veiculado em relação a esse fenômeno. Selecionamos 227 notícias de jornal.⁵ A frequência de notícias por dia,

⁴ Convém ressaltar aqui que nenhum dos observadores do grupo de estudos se aproximou da linha da frente dos protestos, o local onde normalmente se davam os maiores confrontos.

⁵ Para a análise de imprensa selecionamos sites de três jornais: *O Tempo*, *Estado de Minas* e *O Globo*. Nos respectivos sites realizamos uma pesquisa de notícias com as seguintes palavras: “vândalos”, “baderna”, “violência”. Todas as notícias foram listadas numa planilha de Excel por data, título e subtítulo. As notícias selecionadas para *corpus* de análise foram escolhidas com base nos seguintes critérios: serem datadas entre 13 de junho e 7 de julho e referirem-se às manifestações. No caso de o título não corresponder a esses critérios a notícia total era

durante este lapso temporal, foi de cerca de dez notícias por dia. Em meados de junho encontramos no jornal *Estado de Minas* indicações de como seriam tratadas alguns atos de depredação durante as manifestações.

Uma onda de vandalismo tirou o tom pacífico das manifestações [...] os mesmos vândalos danificaram pelo menos quatro ônibus, promovendo terror entre motoristas e passageiros de coletivos [...] Inúmeros manifestantes se mostraram contrários à ação de vandalismo e começaram a gritar palavras de ordem em favor da paz. “Sem violência, sem violência”, repetiam em coro. Porém, não foram atendidos. Os mesmos vândalos continuaram a jogar pedras e pedaços de madeiras contra o prédio [...] Tal grupo seria formado por pessoas mascaradas e alguns punks [...] o grupo mascarado se infiltrou entre os manifestantes (*Estado de Minas*, 18 de junho de 2013).⁶

No dia 27 de junho a capa do jornal traz uma manchete em letras garrafais dizendo da vitória do Brasil na Copa das Confederações, mas da derrota da cidade de Belo Horizonte por ter sido palco de manifestações consideradas violentas e destruidoras de bens públicos e privados.

A imagem escolhida para dar sentido à análise do jornal sobre a questão da violência é a de um corpo jovem, de cor parda, num movimento de atirar algo, com um cenário ao fundo de destruição e fogo. Esse foi o início da construção da imagem do “vândalo”.

visualizada para saber se havia referência a atos de vandalismo. A fim de evitar duplicações de notícias, estas foram organizadas primeiro por data e depois por título. Em seguida foi selecionada uma notícia por dia, de forma aleatória (aplicando uma ferramenta de aleatorização na planilha de Excel).

⁶ <<http://is.gd/jy8OKe>>.

Figura 1 - Capa do *Estado de Minas* de 27 de junho

Fonte: <<http://is.gd/UFglEt>>.

Percebemos imediatamente que a construção da questão do vandalismo passou por diversas fases. Num primeiro momento o fenômeno de vandalismo foi assumido como sendo originado pela falta de liderança das marchas de protesto. A falta de líderes provocaria que alguns grupos oportunistas agredissem policiais e depredassem propriedade pública e privada. O mesmo jornal, num outro artigo, noticia o desacordo entre manifestantes: “um grupo mascarado começou a praticar atos de vandalismo. Alguns manifestantes não gostaram da atitude, e discutiram com os homens” (*Estado de Minas*, 18 de junho de 2013).⁷

⁷ <<http://is.gd/OuWLQo>>.

Posteriormente, e face ao fato de diversos jornalistas terem sido agredidos por policiais, a mídia começou a questionar a atuação da polícia, como iremos expor mais adiante.

Não havia policiamento nas imediações durante os ataques e, durante mais de uma hora de quebradeira na via, apenas três viaturas da Patrulha de Trânsito passaram pelo local [...] (*Estado de Minas*, 18 de junho de 2013).⁸ Havia vários policiais à paisana corretamente criando um sistema de informações para a polícia. Se eles estavam organizados e havia a presença de grupos hostis, claramente com a intenção de se confrontarem com os militares, por que eles não tomaram providências?, questiona Rudá [...] (*Estado de Minas*, 24 de junho de 2013).⁹

Nesse momento, a narrativa sobre o vandalismo começou a ser dirigida para a construção da ideia de “vândalo”. A definição é muito vaga, apenas diferenciando esses dos “cidadãos de bem”, os manifestantes pacíficos.

Dessa fase de identificação vaga dos “vândalos” passamos para uma fase de procura ativa de culpados (ou serão “bodes expiatórios”?) desse vandalismo.

Para o cientista político Rudá Ricci, grupos organizados de extrema direita e de extrema-esquerda embarcam em manifestações e incitam ataques à polícia, ao comércio e ao patrimônio público. “Além deles, muitos manifestantes de primeira viagem acreditam estar vivendo um momento épico e decisivo para o país”, e protagonizam cenas que o país não via há mais de uma década. Ele afirma também que a própria Polícia Militar é inexperiente para tratar de protestos como o de anteontem (*Estado de Minas*, 24 de junho de 2013).

⁸ <<http://is.gd/jy8OKe>>.

⁹ <<http://is.gd/w4huR0>>.

Extremistas radicais com ligações com grupos de outros estados e dos EUA, Turquia e Alemanha participaram dos atos de vandalismo durante a manifestação [...] “São radicais sem bandeira que praticam vandalismo, grupos antigoverno, antipolítica e antipolícia. Querem promover a desordem social e estabelecer o caos. Alguns se organizam pelas redes sociais”, afirmou o delegado [...] O delegado confirmou a participação de pessoas infiltradas nas manifestações para fazer depredação: “Grande parte dos presos já responde por crimes pesados, como tráfico de drogas, furto, roubo e formação de quadrilha”. Mas, segundo ele, há manifestantes envolvidos no vandalismo: “São jovens insuflados por baderneiros”, afirmou (*Estado de Minas*, 28 de junho de 2013).¹⁰

Desses excertos podemos ver que o fenômeno do vandalismo não é identificável a um só grupo de indivíduos ou a grupos temporários. É um fenômeno complexo, composto por diversas formas de ação com motivações diferentes. Os próprios indivíduos, ou supostos grupos de indivíduos, são diferentes, havendo também notícias que denunciam a existência de policiais infiltrados.

Paralelamente, alguns “grupos” assumem publicamente, nas suas páginas *web* ou no Facebook, entre outras redes sociais, que os atos de vandalismo são formas legítimas de atuação política. Os dois “grupos” que provocaram maior repercussão pública em relação a essa ideologia foram os Anonymous e os Black Bloc, em especial na cidade do Rio de Janeiro.¹¹ Contudo, apesar dessa afirmação pública, apenas os Black Bloc continuam

¹⁰ <<http://is.gd/6G20GX>>.

¹¹ Foi na cidade do Rio de Janeiro que os protestos assumiram e continuam a assumir até à data, maior intensidade. Foi também nessa cidade que a referência a esses dois grupos foi mais evidente.

a ser demonizados pela mídia e partidos políticos, em especial pelos partidos de esquerda, que os consideram oportunistas, e implicados pela polícia a grupos criminosos internacionais

[...] extremistas radicais com ligações com outros estados e dos EUA, Turquia e Alemanha [...] Os integrantes deste grupo aproveitam a multidão para fugir da polícia e dificultar as prisões. “Eles trocam de roupas muito fácil, se espalham no meio do povo, e começam a jogar bombas. Também incentivam outros atos criminosos. O foco deles é contra a copa e outros fatores, mas visam sempre atingir a polícia”, diz o delegado (*Estado de Minas*, 28 de junho de 2013).¹²

De modo a entender quem são esses “grupos”, Anonymous e Black Bloc, e perceber de que modo foram produzidas e reproduzidas as imagens sociais do “vândalo”, tornou-se necessário fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre eles. Seguem, na próxima alínea, os dados resultantes dessa pesquisa de conteúdo.

Conformação dos “grupos” Anonymous Rio e Black Bloc RJ – análise de postagens

Como procuramos demonstrar na alínea anterior, os Anonymous e os Black Bloc foram dois dos “grupos” identificados como “vândalos”. Contudo, ficou por compreender de que forma esses “grupos” se autorrepresentam e as discussões cibernéticas que ocasionam. Os dados que aqui apresentamos provêm das páginas do Facebook dos Anonymous Rio e Black Bloc RJ, assim como da página

¹² <<http://is.gd/1eJOe3>>.

Anonymous Brasil, entre outras, e procuram responder a essas questões.

Black bloc (do inglês *black*, negro; *bloc*, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum, diferentemente de *block*: bloco sólido de matéria inerte) é o nome dado a uma tática de ação direta, de corte anarquista, caracterizada pela ação de grupos de afinidade mascarados e vestidos de preto que se reúnem para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da propaganda pela ação para desafiar o *establishment* e as forças da ordem.¹³

A definição foi retirada do *site* Wikipédia, *link* que aparece indicado como referência na página do Facebook do Black Bloc Brasil.¹⁴ Segundo o *site*, não possuem organizações formais, hierarquizadas ou centralizadas, e usam roupas pretas, cobrindo os rostos, como forma de garantir o anonimato dos participantes (FIG. 2).

Não há informação oficial sobre o surgimento dos Black Bloc, porém há registros de sua atuação já na década de 1980, na Alemanha. De acordo com o professor canadense, da Universidade de Québec, Francis Dupuis-Déri em entrevista concedida em 2013,¹⁵ “a tática apareceu dentro do movimento ‘Autonomous’ que organizava centenas de ocupações políticas e lutava contra a energia nuclear, a guerra e os neonazistas”. Dupuis-Déri também afirma que a tática se propagou pelo mundo ocidental por meio da música anarcopunk

¹³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Black_bloc>.

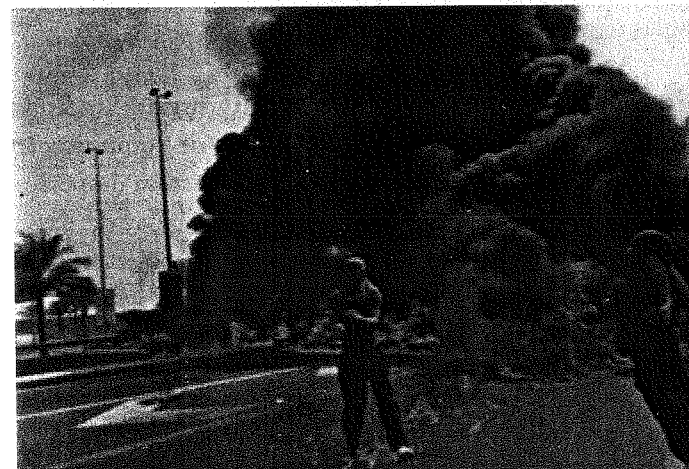
¹⁴ <<https://www.facebook.com/pages/Black-Bloc-Brasil/353036154437576>>.

¹⁵ <<http://rudaricci.blogspot.com.br/2013/10/a-origem-mundial-dos-black-blocs.html>>.

e de grupos antirracismo, e que pode ser considerada como parte de um movimento de esquerda ou extrema-esquerda. Dupuis-Déri afirma que os Black Bloc, que são distintos em cada manifestação, são compostos por pequenos grupos de indivíduos anarquistas, anti-capitalistas, feministas radicais e ecologistas, com uma forte consciência política. Portanto, parecem ser um agrupamento de indivíduos anônimos que se organizam de forma flexível, temporária e informal.

No Brasil, a primeira vez que a tática apareceu fortemente na mídia foi durante essas manifestações, momento em que se tornou nacionalmente conhecida.

Figura 2 - Foto de manifestantes portando a “máscara” dos Black Bloc



Fonte: <<http://is.gd/kPjIta>>.

“Permita nos apresentar como Anonymous, e Anonymous apenas. Nós somos uma ideia. Uma ideia que não pode ser contida, perseguida nem aprisionada”.¹⁶

¹⁶ <<http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous/>>.

Essa é a primeira frase que aparece na seção “Quem somos”, do *site* Anonymous Brasil.¹⁷ Segundo o *site*, a ideia surgiu em 2004 e visa um mundo sem corrupção, com liberdade de expressão e onde as pessoas não tenham que morrer lutando por seus direitos. Já segundo o *site* Wikipédia¹⁸ o surgimento dos Anonymous se deu em 2003.

Eles deixam claro que não são um grupo, mas uma ideia de revolução difundida internacionalmente e convocam os usuários a procurarem informações e adquirirem uma visão crítica sobre o mundo. Assim se processará a mudança. “Nós não somos uma organização e não temos líderes. Oficialmente nós não existimos e não queremos existir oficialmente. Nós não seguimos partidos políticos, orientações religiosas, interesses econômicos e nem ideologias de quaisquer espécies”.¹⁹

A ação dos integrantes se dá anonimamente na internet, principalmente por meio do hacktivismo, difundindo informações não divulgadas pelos meios de comunicação oficiais. Têm como referência o uso da máscara do personagem do filme *V de Vingança* (FIG. 3). Apesar de haver grandes discussões sobre o significado da máscara a peça parece servir para que os atuantes se possam reconhecer como membros, ainda que se mantenham anônimos durante as manifestações. O símbolo aparece, inclusive, no *site* “oficial”.

¹⁷ <<http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous/>>.

¹⁸ <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>>.

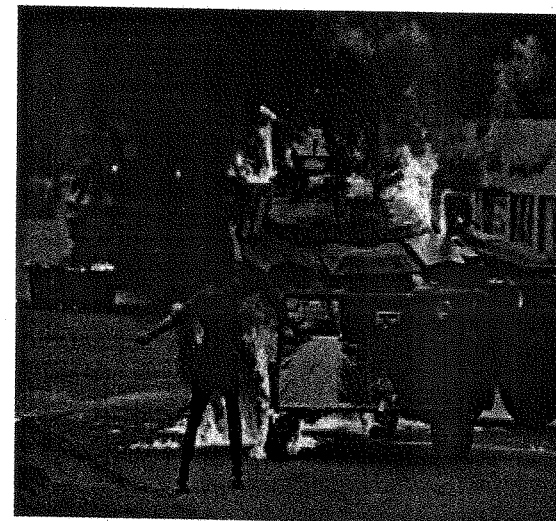
¹⁹ <<https://www.facebook.com/AnonBRNews>>.

Figura 3 - Imagem de estandarte com Máscara V, a forma identitária dos Anonymous



Fonte: <<http://is.gd/Irv6dq>>.

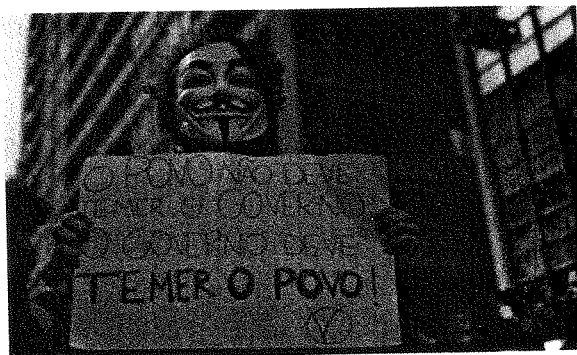
Figura 4 - Imagem da “guerrilha urbana” com manifestante usando a forma identitária dos Black Bloc



Fonte: <<http://is.gd/TOMsrk>>.

Esses dois “grupos” corporalizam, nas manifestações, formas identitárias através das máscaras: vestem-se de negro com as caras cobertas e usam a máscara V. Essa questão das máscaras, por si só, ocasiona um conflito entre os dois “grupos”: os Black Bloc procuram não mostrar os rostos e passar uma ideia de união ou homogeneidade através do anonimato e os Anonymous destacam um herói do cinema

Figura 5 - Imagem de manifestante portando a máscara dos Anonymous e um cartaz de protesto



Fonte: <<http://is.gd/Q8t4Bg>>. Créditos a Nelson Antoine

Figura 6 - Imagem de um grupo de manifestantes usando a forma identitária dos Black Bloc



Fonte: <<http://is.gd/tQq2X4>>.

Que outros conflitos emergem nas narrativas das redes sociais desses dois “grupos” além da questão do anonimato? O que os distingue e o que os assemelha? Quem são esses “grupos”? São essas algumas das questões a que tentaremos responder em seguida.

Anonymous e Black Bloc na WEB

De forma a melhor compreender as semelhanças e diferenças entre estes “grupos” fizemos uma pesquisa em dois perfis do Facebook – o Anonymous RIO e o Black Bloc RJ.²⁰ Depois de selecionado o *corpus* de análise,

²⁰ A pesquisa foi realizada utilizando o *software* *netvizz#* para coletar informações como o título da postagem, seu endereço, assim como o número de “curtidas”, compartilhamentos e comentários que cada postagem obteve. Essas medidas nos permitiram inferir a repercussão de cada postagem. Uma vez que os métodos de seleção podem eleger uma página mais de uma vez, após a coleta fizemos a redução de postagens duplicadas. Para selecionar a composição do nosso *corpus* de análise, recorremos à técnica de amostragem não probabilística por critérios (RITCHIE; LEWIS; ELAM, 2003). Dessa forma, e recorrendo aos indicadores de repercussão anteriormente calculados – as postagens escolhidas para a análise foram aquelas mais compartilhadas e comentadas, partindo-se do pressuposto de que teriam uma maior riqueza em termos discursivos e de respaldo popular. Também foram adicionadas as postagens cujo título fizesse referência a termos como: “vandalismo”, “vândalo(os)”, “violência”, “violento(os)” e “luta”, garantindo a presença dessas temáticas nos nossos dados. Para isso, buscou-se os radicais dessas palavras e selecionou-se todas as postagens que apresentassem algum dos termos. A totalidade da amostra de conveniência foi subdividida em quatro partes equivalentes e distribuída por cada um dos pesquisadores. Cada pesquisador ficou responsável por uma fração do *corpus* de análise e procedia abrindo cada um dos *links* e expandindo os comentários. Depois, lia os comentários, recortava-os e listava-os na tabela de análise. Posteriormente, cada codificador realizou uma revisão da sua codificação. Num segundo momento de revisão, um dos pesquisadores fez uma revisão final antes de se dividir novamente o material, agora

procedemos à análise de conteúdo, empregando a técnica de análise e interpretação temático-categorial (BARDIN, 2004), que consiste em dividir a narrativa em temas e codificá-los num determinado número de categorias. Obtivemos, desse modo, as seguintes categorias:

- 1) Identidade – sempre que houver falas que adjetivem e valorizem ou desvalorizem algum dos grupos. Podem ser:
 - autodeterminadas (se a pessoa fala na primeira pessoa do singular ou plural, deixando claro o seu pertencimento);
 - heterodeterminadas (se não se autorreferencia, falando na segunda ou terceira pessoa do singular ou plural).
- 2) Mídia – sempre que se referem às redes de comunicação em massa, seja de forma positiva ou negativa.
- 3) Polícia – qualquer referência às corporações policiais e seus funcionários.
- 4) Estado – quando existe menção aos órgãos públicos, em qualquer uma das esferas: municipal, estadual ou federal.

Incluímos ainda uma classificação do material quanto à forma, indicando o tipo de material (*status*, vídeo, foto, *link*), o grupo, a data e o endereço.

O material coletado totalizou 400 postagens, com datas de 20 a 29 de julho de 2013 (TAB. 1). A partir da coleta de dados, constatamos que a média de comentários às postagens da página “Anonymous Rio” foi de 70,8 (min.

para interpretação. Desse modo, cada pesquisador ficou responsável por interpretar, sensivelmente, duas categorias (cerca de trezentas ocorrências para cada um). No final, a interpretação do material foi discutida em grupo.

1, max. 384) e a média de compartilhamentos 395,6 (min. 1, max. 4.887). Já na página “Black Bloc RJ”, a média de comentários foi de 30,7 (min. 0, max. 222) e 101 compartilhamentos (min. 0, max. 3.575) por postagem. Olhando para os dados é possível constatar que os seguidores do Black Bloc costumam comentar e compartilhar postagens de forma menos frequente que os Anonymous Rio.

O *corpus* de análise foi constituído por 36 postagens da página Anonymous Rio e 28 postagens da página Black Bloc RJ, totalizando 64 postagens (aproximadamente 16% da amostra). Em termos dos indicadores de repercussão, na primeira página a média de comentários era de 117,44 (min. 5, max. 384) e de compartilhamentos 737,58 (min. 33, max. 4.887). No segundo, respectivamente, 77,07 (min. 8, max. 222) e 406,15 (min. 33, max. 3.575).

Quanto à forma, a distribuição do *corpus* de análise por tipo de material pode ser consultada na TAB. 1. No caso dos Anonymous Rio, a maioria do material era constituída por *status* do próprio perfil (45%) e no caso dos Black Bloc por fotos (33%). Contudo, a distribuição da frequência por tipo de material deste segundo gênero é menos díspar em termos percentuais. Quanto à data de postagem, no caso do primeiro os materiais reportam-se ao período de 25 a 29 de julho e, no caso do segundo, de 22 a 29 de julho.

Tabela 1 - Distribuição da frequência por tipo de material coletado

	ANONYMOUS RIO				BLACK BLOC RJ			
	Amostra		Corpus		Amostra		Corpus	
	F	Fr	F	Fr	F	Fr	F	Fr
Link	38	19%	3	8%	43	22%	2	7%
Imagem	63	32%	20	56%	65	33%	10	36%
Status	90	45%	12	33%	58	29%	7	25%
Vídeo	9	5%	1	3%	34	17%	9	32%
TOTAL	200	100%	36	100%	200	100%	28	100%

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: F = frequência absoluta; fr = frequência relativa

Em seguida, discutimos os resultados descrevendo as nossas interpretações por respectiva categoria.²¹

Identidade

“Vândalos”, “baderneiros”, “jovens à toa” são apenas alguns exemplos de adjetivos e classificações utilizados em diversos comentários. São alusões negativas que, em geral, procedem de usuários do Facebook que não se identificam com a postura política do perfil de Facebook, nem tanto com o uso da violência e conflito como forma de atuação política ou de reação à violência policial.

A partir da análise do conteúdo, foi possível inferir que os seguidores do Anonymous Rio parecem não saber afirmar quem são, discutem sobre quais ações políticas seriam plausíveis e ou consideradas “aberrações”, e demonstram pouco conhecimento sobre os temas defendidos pela página – como a origem da Marcha das Vadias, por exemplo – sugerindo um desconhecimento de ideologia, ou até mesmo, uma ausência dela.

Quadro 1 - Exemplos de comentários às postagens

“Parece que os próprios membros não conhecem a história e o objetivo do movimento. Eles mesmos tornam a causa ilegítima.”²²

²¹ Nas tabelas que descrevem os resultados qualitativos utilizamos citações dos materiais recolhidos sem proceder a edições. Os comentários aparecem, portanto, com erros de digitação e usam da linguagem internautica e de acrônimos de palavras. Optamos por deixar as mensagens como se encontravam originalmente para não haver nenhuma mudança de sentido e, inclusive, para manter o efeito desejado pelos autores dos comentários (como o uso de várias exclamações para se expressar, por exemplo, ou uso de sinais gráficos para imitar expressões faciais e uso de letras em caixa-alta para sugerir uma fala exaltada)

²² <<http://is.gd/kExAtE>>. As referências às postagens e aos comentários do Facebook na listagem ao fim deste texto contêm alterações no

“O que aconteceu foi uma total falta de respeito para com a escolha do próximo”.²³

“Anonymous vocês já estão sendo ridículos e hipócritas, todo mundo viu o que aconteceu nas manifestações, as manifestações estão sem sentido, estão fazendo para aparecer, voltem o foco para o que realmente importa que são os políticos”²⁴

“NAO, anonymous e pro igualdade plena de direitos para todos”.²⁵

É possível perceber que os usuários tentam expressar, cada um, sua forma de enxergar o mundo, criando um emaranhado de opiniões díspares e sem que seja possível destripar uma forma identitária comum. Por um lado, percebe-se uma discussão sobre quem são os Anonymous, por outro, não é clara a intenção de atingir um consenso.

Quadro 2 - Exemplos de falta de identidade comum entre os seguidores do perfil dos Anonymous Rio

“Viva anonymous por NAO deixar o “sucesso” lhe subir a cabeça, e continuar a defender as minorias, apesar da opressão e chantagistas de falsos ativistas, que tem coragem de ameaçar e indinuar parar de apoiar o movimento só por isso. mas ao invés disso, anonymous mostrou que realmente é autentico e sincero!! Parabéns!!”²⁶

“Parem de dar ênfase a algo que nada tem a ver com o proposito do grupo. Estamos aqui para propor MUDANÇAS para nosso atual quadro político.”²⁷

sentido de ocultar no corpo do texto a identidade dos comentaristas. Além disso é incluída a data de acesso, pois alguns comentários podem ter sido removidos ou contas de usuários excluídas.

²³ <<http://is.gd/kExAtE>>.

²⁴ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

²⁵ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

²⁶ <<http://is.gd/svRppg>>.

²⁷ <<http://is.gd/svRppg>>.

“O propósito da página não é só ir em casa de político protestar... o propósito da página é defender a igualdade entre as pessoas, a liberdade para que cada 1 faça o que quer com suas vidas, o respeito a todos e a informação.”²⁸

Isso pode ser somado à falta de homogeneidade entre as diversas ramificações Anonymous. Baseado nos comentários coletados, o Anonymous Brasil lançou uma nota de repúdio à Marcha das Vadias, enquanto o Anonymous Rio não.

Percebe-se nos comentários uma preferência por assuntos ligados ao combate à corrupção – não havendo consenso partidário ou de inclinação política – e certa resistência a ações consideradas “vandalismo”, ainda que justificadas.

Porém, com os Black Bloc RJ não é assim. Talvez devido à sua origem mais antiga e o tempo de “serviço” do grupo em outros países, fica claro quem são e o que pensam de si mesmos. O exemplo abaixo foi retirado da página do Black Bloc RJ, com referência a Yasmin dos Santos, um seguidor do perfil, e resume o que são esses atores:

Quadro 3 - Exemplo de unidade identitária dos seguidores do perfil dos Black Bloc RJ

“Somos vândalos aos olhos vesgos e inundados de sífilis política da mídia. Mas na realidade somos livres. Sim, a liberdade começa em nossas mentes, e devemos lutar se não formos atendidos. Não realizamos saques, não apoiamos isso, pois isso é da mesma natureza que os políticos e empresários fazem. Mas tbm não temos pena de ver lojas q exploram trabalhadores, e muita das vezes com mãos de obra escrava em países menores, para obter mais lucro. [...] Todos somos Black Bloc, todos somos um só. Agindo de maneiras diferentes, porém agindo. Seja protestando de preto, de branco, com cartaz, com escudo... pela internet ou na rua. Somos

²⁸ <<http://is.gd/svRppg>>.

o povo, e não uma quadrilha. Quadrilha é quem governa junto com empresários esse país. Não durmam... pois até em sonho vão lembrar de nossa existência”.²⁹

“Mas nós somos muitos. Não esquecemos. Não perdoamos. Nos aguardem, no que precisar estamos prontos!”³⁰

“filhos da puuuutaaa. acham q vão nos calar, mas apenas começamos a revolução!”³¹

Diferentemente dos Anonymous Rio, as discussões acerca dos valores do “grupo” são menos frequentes. Vez ou outra surge algum comentário discordando de alguma atitude – como a comemoração quando um policial foi queimado por um coquetel *molotov* – mas são minoria e são feitas por seguidores “de fora”, que não assumem a identidade do “grupo” assumindo uma postura crítica – concordando com algumas atitudes dos Black Bloc, mas recriminando outras.

Mídia, polícia e Estado

Optamos por aqui apresentar as três categorias que intitulam esta alínea pelo fato de que foram poucos os materiais classificados como tal. Desse modo, e também devido ao fato de no discurso aparecerem como entidades exteriores ao “grupo” ou até mesmo como opositores ao mesmo, decidimos aglutinar os resultados e a interpretação ao invés de os apresentar isoladamente.

A relação dos “grupos” com a mídia de massas não é muito amigável. Ambos reclamam da cobertura elitizada da

²⁹ <<http://is.gd/SWy4Bd>>.

³⁰ <<http://is.gd/Q6OyBU>>.

³¹ <<http://is.gd/Q6OyBU>>.

Globo, principalmente da tentativa de alienar a população e de não corroborar com as manifestações. O primeiro exemplo é um comentário na página dos Anonymous Rio e o segundo um da página do Black Bloc RJ.

Quadro 4 - Exemplos de comentários contrários à atuação da mídia

“As pessoas que denigrem a Marcha das Vádiás por causa da atitude imbecil de 2 pessoas fazem o mesmo que a GLOBO e TODAS AS TVs ABERTAS FAZEM COM NOSSO MOVIMENTO!!! Vá atrás da informação, não espere-a na frente da TV!! #VemPraRua.”³²

“a Globo finge que acredita e transmite os manifestantes como criminosos. Inúmeros vídeos comprovam as estratégias de manipulação de massas. 53% da população sem acesso a internet sem acesso a tv a cabo é obrigado a assistir rede globo, logo acredita nas notícias manipuladas que vê.”³³

Já a relação com a polícia é diferente. Os Black Bloc são completamente contra a polícia e se referem aos policiais como “porcos”. Há inúmeros comentários reclamando da ação truculenta, violenta e arbitrária da corporação, inclusive com várias denúncias de policiais infiltrados nas manifestações na tentativa de criminalizá-las – os chamados P2. Segundo o grupo, os P2 agredem e vandalizam como se fossem membros do “grupo”, para piorar sua imagem frente à sociedade e “justificar” uma ação mais agressiva da polícia. Há muitas reclamações de prisões de manifestantes, da tentativa de evitar filmagens e de agressões, além de corrupção dentro da corporação.

³² <<http://is.gd/kExAtE>>.

³³ <<http://is.gd/HglfOp>>.

Quadro 5 - Exemplo de comentários que expressam as reclamações acerca da polícia

“A polícia tá preparada só pra apertar o gatilho e defender essa elite IMUNDA.”³⁴

“Policiais “queimam” milhares de cidadãos comuns todos os dias - uma queimadura tiro-e-queda. Principalmente os moradores da favela e os negros.”³⁵

“na horas deles entrarem atirando nas comunidades e levando preso suspeito que desaparece pode? O indice de maldade desses caras é absurdo, e é só essa linguagem que eles entendem.”³⁶

Os Anonymous Rio, por sua vez, não apresentam unanimidade. Se alguns assumem essa visão negativa das corporações, há uma parcela dos usuários que vê com bons olhos a ação da polícia: consideram a ação policial justificável; agradecem a presença da corporação porque, segundo eles, sem ela o caos se instauraria; defendem que a ação deveria ser ainda mais rigorosa. Muitos comentários, inclusive, falam da necessidade de “trazer eles para o nosso lado”, uma vez que os policiais também fazem parte da “classe” trabalhadora.

Quadro 6 - Exemplo de falas que mostram a diversidade de opiniões sobre a polícia

“A policia tem que garantir sim a integridade de quem participado evento.”³⁷

³⁴ <<http://is.gd/78H84O>>.

³⁵ <<http://goo.gl/ZieqOi>>.

³⁶ <<http://is.gd/Y5B0BB>>.

³⁷ <<http://is.gd/kExAtE>>.

“Quando os soldados da PM, a casta inferior da força de repressão, se derem conta de que estão sendo manipulados como cães adestrados, que são recompensados com migalhas pelo governador e seus asseclas, para agirem contra os manifestantes que reivindicam direitos legítimos, certamente trocarão de lado.”

Também existem falas criticando a ação dos policiais por ser violenta e por tratarem os manifestantes como criminosos e terroristas, e um pedido para que a polícia seja mais “humanizada”. Porém, mesmo dentre os comentários negativos, a posição dos Anonymous Rio é bem mais branda e favorável à corporação do que a dos Black Bloc RJ.

Quadro 7 - Exemplos de reclamações acerca da atuação da corporação

“Não queremos viver sem policiamento, queremos dar outro significado pra polícia, não a polícia de guerra que a PM representa, mas uma polícia que respeite os direitos humanos, que respeite até os direitos dos criminosos, pois, segundo a Carta Magna do nosso país que se diz uma democracia diz: todos somos inocentes até que se prove o contrário.”³⁸

“essa polícia que temos foram décadas de descaso, abandono e relaxamento da sociedade, os caras ganham mal e são exigidos ao extremo temos sortes deles não fazerem mais merda do que já fazem!”³⁹

Em relação ao Estado, a maioria das postagens dos Anonymous Rio fala sobre corrupção, consideram o governador do Rio de Janeiro e seus aliados políticos corruptos e ladrões, e demonstram a perda de fé na política. Os usuários demonstraram descrença inclusive nas eleições,

³⁸ <<http://is.gd/Weh9DM>>.

³⁹ <<http://is.gd/Weh9DM>>.

com muitas pessoas dizendo que a urna não é confiável, e no sistema como um todo.

Quadro 8 - Exemplos de falas que demonstram desconfiança por parte dos seguidores do perfil dos Anonymous Rio

“Corrupção: há! Não é novidade que o MP do RJ é todo do Cabral”⁴⁰

“egoísmo: Eles estão do lado deles próprios, de mais ninguém. Querem e pedem o apoio popular para suas causas, que não passa de uma briga pessoal com os delegados de polícia judiciária, briga essa por poder, para ver quem manda mais, mas na hora de servir o povo, a quem pede apoio, tiram o corpo fora!”⁴¹

“Urna eletrônica não é confiável, mtos concordam, mas voto em papel é? O problema não é o meio de votação e sim, a fiscalização disso tudo”⁴²

“Se ele cair, vai querer levar muita gente junto, vai jogar muita merda no ventilador pq tem rabo preso com muita gente, políticos e empresários do Rio e de fora, não duvido que role uma queima de arquivo, se liguem !!! Cabral cavando a cova !!!”⁴³

Ainda em relação aos Anonymous Rio, também é possível perceber certa aversão ao PSB e PMDB, e maior inclinação para a esquerda, porém não é possível dizer que exista preferência por um partido. Esses dados estão de acordo com as análises apresentadas na primeira parte deste trabalho.

⁴⁰ <<http://is.gd/a6bYXM>>.

⁴¹ <<http://is.gd/a6bYXM>>.

⁴² <<http://is.gd/jDhfok>>.

⁴³ <<http://is.gd/jDhfok>>.

Há ainda uma reclamação generalizada do uso de verbas públicas para favorecer uma parcela da população e também da tentativa de mascarar os problemas sociais e de infraestrutura durante eventos internacionais, como a Jornada Mundial da Juventude.

Quadro 9 - Falas que exemplificam as reclamações dos seguidores do perfil Anonymous Rio

“MP não denuncia Joaquim Barbosa, não julga tucanos...” ⁴⁴
“Infelizmente com a ALERJ dominada pelo PMDB, é impossível ele cair....” ⁴⁵
“Agora é cada um salvando a sua pele, o partido vai querer detonar. Antes ele do que outro do PMDB. Ninguém quer largar o osso ou ser o próximo a sair.” ⁴⁶

Professando o ideal anarquista, não é inaudito que a opinião dos Black Bloc RJ em relação ao Estado seja mais dura. Aliás, sendo anarquistas não acreditam, logo não podem defender, o estado e as suas funções. Eles se referem ao governo como uma nova ditadura e uma ditadura disfarçada. Justamente por pregarem a anarquia, não há preferência partidária.

Quadro 10 - Falas que demonstram o pensamento dos seguidores do perfil Black Bloc RJ

“a ação ditatorial do nosso governo O governo da um tapa na nossa cara dizendo: somos corruptos, continuaremos fazendo a farra com o dinheiro dos altos impostos pagos pelo povo, a saúde,
--

⁴⁴ <<http://is.gd/jDhfok>>.

⁴⁵ <<http://is.gd/jDhfok>>.

⁴⁶ <<http://is.gd/jDhfok>>.

educação e segurança que se fodam, que morram nas filas dos hospitais, que o suor de suas testas continuem sustentando o banquete de nossas festas e, quem reclamar vai ser violentado, preso, morto ou vai desaparecer.”⁴⁷

“estamos vivendo uma ditadura, alias, sempre vivemos acuados pelo sistema, aonde não podemos expressar nossa insatisfação com esse governo fodido e opressor.”⁴⁸

Ações políticas

Foi possível perceber posturas diferentes nas postagens e comentários que falavam sobre ações políticas nos “grupos”. Alguns comentários foram classificados como provenientes de usuários que expunham opiniões contrárias à postura política justificando, por vezes, as suas críticas (tipo 1). O segundo tipo de comentário seria do tipo “xingamento” (tipo 2). Referem-se ao “grupo” Anonymous enquanto forma identitária difusa, às suas supostas ações e às opiniões pessoais de outros usuários da página. Um terceiro tipo (3) de conteúdo emerge composto por comentários de usuários parabenizando e enviando mensagens de apoio para os organizadores dos eventos. Convém informar, no entanto, que nem todos os eventos em questão são necessariamente realizados pelo “grupo” Anonymous Rio (por exemplo, em relação à Marcha das Vadias, parabenizam as “vadias”). Outros usuários manifestam-se sugerindo ações (tipo 4). O envolvimento dos usuários com as postagens dos perfis assume também a forma de comentário chamando a atenção para a necessidade de foco e concentração nos propósitos das manifestações (tipo 5). Por último, o comentário do tipo relato pessoal sobre as manifestações (tipo 6).

⁴⁷ <<http://is.gd/bLpPO1>>.

⁴⁸ <<http://is.gd/myZckI>>.

No “grupo” Anonymous Rio foi possível perceber uma predominância de comentários do tipo 1 e 2, mensagens hostis aos seguidores e ao “grupo” como um todo. Percebe-se claramente um debate em torno das percepções pessoais e discussões ideológicas pessoais em relação às ações políticas. Também é possível inferir que exista uma ausência de convergência nas opiniões dos seguidores do perfil, perceptível pela grande ocorrência de comentários ofensivos aos próprios seguidores.

Quadro 11 - Exemplo de comentários hostis aos próprios seguidores do perfil dos Anonymous Rio

“os absurdos dessa marcha que teve como o único objetivo agredir as pessoas. sejam religiosos ou não. Ela apenas esta expondo um sentimento provocado por essa marcha . Esse que participaram dessa marcham precisam de cura pq isso eh patologia.”⁴⁹

“Criminoso, desnecessário e desrespeitador: “além de ser atentado ao pudor, mesmo que não fosse na jornada, imagina tu ta passando com sua filha e alguém fazer isso, desnecessário fazerem isso, tem que manifestar com respeito para que sejam respeitaods!”⁵⁰

Comentários do tipo 4, chamando os colegas para focar na discussão de ações concretas também foram recorrentes, o contrário de comentários do tipo 5, com sugestões e discussões de ações e objetivos.

Quadro 12 - Exemplos de comentários do tipo 4

“Gente! Muda o disco. O foco não é este. Gastos públicos- CorrupçãoSaúdeEducaçãoMensalãoCPI”⁵¹

⁴⁹ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

⁵⁰ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

⁵¹ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

“Proposta:Vamos esquecer esse episódio lamentável. Faz parte do passado.Vamos focar no que realmente interessa.”⁵²

Foi possível perceber muitas críticas a atos de vandalismo. Os seguidores dos Anonymous Rio, em sua grande maioria, parecem não concordar com violência e vandalismo. Pelo que foi possível perceber, eles consideram como violência a quebra de qualquer coisa (casas, lojas, estátuas, orelhões), o arremesso de materiais contra os policiais (coquetel molotov, pedras, madeiras), e também atos simbólicos como a aparição de mulheres nuas na marcha das vadias, que são considerados como forma de violência emocional.

Quadro 13 - Falas que exemplificam o que os seguidores dos Anonymous Rio consideram “violento” *

“Eu dei de cara com a manifestação e tive de entrar em uma farmácia, onde fecharam as portas e os manifestantes batiam nas portas de metal chegando a amassá-las. Isso não é manifestação pacífica.”⁵³

“Ela não foi pacifica. Agredirão a fé e a devoção das pessoas quebrando imagens ...Desculpas! Mas protestar e acima de tudo respeitar o direito do outro também estar nas ruas por outros motivos quer seja rezar , ou receber seu Pastor .”⁵⁴

“O que vi foi um bando de pessoas sem educação com atitudes desnecessárias e que no final não manifestaram nada, pq aquilo não se pode chamar de manifestação e sim agressão.”⁵⁵

⁵² <<http://is.gd/xu7q8r>>.

⁵³ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

⁵⁴ <<http://is.gd/xu7q8r>>.

⁵⁵ <<http://is.gd/kExAtE>>.

Já em relação aos Black Bloc RJ, quando há crítica a um ou outro membro é baseando-se na ideologia do “grupo”. Isso é perceptível nos comentários acerca de ações que, considera-se, não fazem parte das que costumam ser feitas pelo “grupo”. As discussões giram em torno do todo, não há ataques pessoais como nos Anonymous Rio, geralmente.

Quadro 14 - Exemplos de falas que demonstram a concepção dos seguidores do perfil Black Bloc RJ

“Pessoal do bloco negro tem que se encontrar em algum outro local virtual em paralelo e manter contato presencial, UNI-VOS, ORGANIZA ORGANIZA”

“Vcs foram muito ingenuos. Estamos a um passo de perder o apoio do povo. Só falta um P2 tacar uma pedra no papa.”

Pelo fato de os Black Bloc terem uma ideologia formada, eles parecem saber o que buscam e quais ações precisam ser realizadas para atingirem o que buscam. Quando discutem, discutem sobre ações concretas, não sobre conceitos e ideologias. Há, claramente, a defesa de ações que são realizadas por integrantes, além de uma tentativa de proteção aos membros, com dicas de como agir nas manifestações ou no caso de prisões. É possível dizer que há um sentimento de pertença entre os cibernautas dessa página.

Quadro 15 - Falas que demonstram o sentimento de pertença

“Nossa missão é nobre, e precisamos identificar os infiltrados e FILMA-LOS imediatamente!!! Só assim o povo vai saber a verdade!”⁵⁶

⁵⁶ <<http://is.gd/KgNOTW>>.

“Galera do BB, quando virem esses merdas prendendo alguém dentro da manifestação tem que juntar nele, colocar no chão e colocar lacre nas mãos e nos pés... Imobilizar e largar na rua pra ele aprender!”⁵⁷

Os Black Bloc RJ fazem apologia à violência e a justificam quer como forma de atuação política, enquadrada numa ideologia anarquista, quer como forma de reação à violência policial, que não ocorre apenas durante as manifestações, mas cotidianamente.

Quadro 16 - Exemplo das opiniões sobre o uso da violência

“Para os que não entendem destruição de patrimônio público e acham que isso é anticonstitucional e principalmente os que indicam que “quebre sua casa antes”: O nome da revolução dentro da lei é carnaval. Nunca, nenhuma grande conquista foi feita através de palavras e passeios na rua. Quando vc faz a manifestação respeitando TODOS os termos da lei, vc não está se manifestando. Está agindo como Fantoche seguindo a lei dos velhos que queriam que a população não se manifestasse.”⁵⁸

“Os molotovs são uma resposta ; De quem há muito está ferido”⁵⁹

Conclusão

As manifestações das Jornadas de Junho começaram pacíficas. Essa incitação ao pacifismo era assumida como uma necessidade de evitar a criminalização dos movimentos sociais. Contudo, a resposta das forças de controle social (das corporações policiais, em específico) foi sempre

⁵⁷ <<http://is.gd/myZckI>>.

⁵⁸ <<http://is.gd/Q2XRYr>>.

⁵⁹ <<http://is.gd/bLpPO1>>.

de forte repressão. À semelhança do que é descrito por Castells (2012), em relação a outros movimentos sociais internacionais, os movimentos passam a configurar-se como “guerras civis” ou campos de batalha urbana. Pode parecer abusivo comparar a violência que atormentou o mundo árabe com a violência dos contextos ocidentais. O número de mortos diretamente imputáveis à repressão policial no Brasil e no Egito, por exemplo, não são comparáveis. Ainda assim, é inegável que essa violência existe e que é possível falar de massacres simbólicos no caso do Brasil. Mas como se decorreu o processo interativo de significação e representação? Respondendo a essa questão analisamos as diversas narrativas acerca do fenômeno nas alíneas anteriores.

A teoria da cruzada moral (BECKER, 1976) e a do pânico moral (YOUNG, 1971; COHEN, 2002) parecem auxiliar na compreensão desse fenômeno. No caso dos protestos, a cobertura midiática, internacional e nacional, junto com os discursos políticos, gerou imagens negativas que são reproduzidas por diversos atores, se configurando num processo de demonização dos movimentos sociais e seus atores. A imagem do vândalo como alguém contrário aos interesses sociais, por exemplo, foi reproduzida nas ruas, na mídia e nas redes sociais. Essa construção pode ser explicada pelo contexto em que os protestos surgem: com demandas genéricas e sem liderança definida, como argumentaremos mais adiante. No início do “quebra-quebra” o discurso da polícia também deslegitimava essa forma de manifestação e procurava justificar a forte repressão. Contudo, as denúncias de uma resposta repressiva desmesurada, juntamente com a denúncia da existência de policiais infiltrados (P2) que promoveriam a quebra para justificar a repressão violenta provocaram uma onda de vozes de apoio aos manifestantes. Nesse momento, o

vandalismo deixa de ser apenas um ato e toma um rosto. E esse rosto, na verdade a máscara V, é identificado com o “grupo” Anonymous. Outro “grupo”, os Black Bloc, surge quando a polícia e a mídia os correlaciona ao vandalismo, veiculando a ideia de que esse “grupo” teria ligações internacionais.

O fenômeno do vandalismo não é apenas um crime de depredação do patrimônio, mas passou a ser enquadrado como formação de quadrilha e muitos jovens foram presos sob essa acusação. A resposta, da sociedade em geral, dos manifestantes enquanto grupo indefinido, e desses grupos (mais definidos?), não tardou. É dessa resposta que tratamos aqui neste artigo, as formas de reprodução e ressignificação dos discursos da sociedade normativa.

A análise nos permitiu ter uma percepção dos “grupos” Anonymous e Black Bloc em diversas temáticas. No geral, é possível dizer que os Black Bloc RJ são reconhecidos como agrupamento de indivíduos com um forte sentimento de pertença e que sabem quais são seus objetivos. Já os Anonymous Rio querem ser um grupo, querem fazer alguma coisa para mudar a situação do país, mas não sabem exatamente o quê – o que gera enormes discussões entre os seguidores – e não há um sentimento de “eu sou Anonymous”. Desse modo, indefinições políticas e ideológicas convivem com ideologias políticas bem definidas, assumindo proporções conflitantes quer no âmbito das ações de rua, quer no dos debates internauticos.

No entanto, a nossa análise tem limites à generalização. Esse limite é decorrente das escolhas metodológicas efetuadas. Por um lado, a nossa amostra é de conveniência e não é possível inferir a sua representatividade no universo de postagens referentes aos atos de protestos das Jornadas de Junho, nem a todos os indivíduos que se identificam com a ideia dos Anonymous ou a tática

dos Black Bloc. Por outro, a nossa análise é meramente qualitativa, sendo que optamos por não contabilizar frequências absolutas e relativas de cada uma das categorias e respectivos temas. Consideramos que, tendo em conta o nosso objetivo, esses dados quantitativos não acrescentariam informações pertinentes.

A nossa pesquisa embate também com diversas outras dificuldades. O Facebook, rede social selecionada para coleta de dados, não permite que a pesquisa de temas e postagens seja eficiente. Automaticamente, essa ferramenta seleciona as postagens com mais comentários e “curtidas” e oculta outras. Isso limita ainda mais a possibilidade de generalização de resultados.

Contudo, os nossos dados possuem uma riqueza discursiva e de significados que nos permite dar contribuições importantes para o debate acerca das Jornadas de Junho, em particular, e dos “novos movimentos sociais”, em geral.

Ainda assim, futuramente, seria interessante confrontar esses resultados, ou quiçá replicar a experiência ampliando o âmbito temporal dos dados e os *locus* internauticos e da análise de imprensa. Esses dados permitiriam ampliar a visão da cruzada e pânico moral que acima referimos, assim como perceber melhor as dinâmicas internas dos “grupos” aqui considerados.

Seria também interessante explorar a questão da definição ideológica nos dois “grupos” no seguimento da tese de Alves (2012) que propõem que a indefinição ideológica é justamente o que os fortalece. Nesta pesquisa ficou evidente que definição e indefinição coexistem no “movimento social”, mas não foi possível testar as razões dessas diferenças em âmbito microssocial. Nesse sentido, poderia ser interessante analisar a existência de um recorte de classe nesses “grupos”, isto é, verificar se existem diferenças no âmbito sociocultural.

Referências

- ALVES, G. Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, D. et al. *Occupy: movimentos de protesto que ocuparam as ruas*. São Paulo: Boitempo/ Carta Maior, 2012. p. 31-39.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BECKER, H. S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- BRISSENDEN, J.; LEWIS, E. [Introdução à entrevista]. In: HARVEY, D. *As cidades rebeldes de David Harvey*. Entrevista concedida a John Brissenden e Ed Lewis. 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://is.gd/wYyG0w>>. Acesso em: 11 abr. 2014.
- CASTELLS, M. Castells diz que Dilma foi a primeira líder mundial a ouvir as demandas das ruas. Entrevista concedida a Daniela Mendes. *IstoÉ Independente*, 28 jun. 2013. Disponível em: <<http://is.gd/GeVdyC>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- CASTELLS, M. *Redes de indignación y esperanza: los movimientos sociales en la era de internet*. Madrid: Alianza, 2012.
- COHEN, S. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. 3. ed. London: Routledge, 2002.
- HARVEY, D. *As cidades rebeldes de David Harvey*. Entrevista concedida a John Brissenden e Ed Lewis. 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://is.gd/wYyG0w>>. Acesso em: 11 abr. 2014.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- LUCAS, D. C. Os novos movimentos sociais contribuindo para a afirmação democrática do Direito e do Estado. *Direito em Debate*, v. 15, n. 25, p. 53-88, 2006. Disponível em: <<http://is.gd/hKg5es>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- SANTOS, B. S. As esquerdas europeias têm que se refundar. Entrevista concedida a Bárbara Schijman. *Revista Debate*, 11 jul. 2011. Disponível em: <<http://is.gd/9ZKXS3>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- YOUNG, J. *The Role of the Police as Amplifiers of Deviancy, Negotiators of Reality and Translators of Fantasy in Images of Deviance*. London: Penguin, 1971.
- ŽIŽEK, S. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, D. et al. *Occupy: movimentos de protesto que ocuparam as ruas*. São Paulo: Boitempo / Carta Maior, 2012. p. 15-26.

Corpus citado

Anonymous Rio. (2013, 25 de julho) Um militar choramingando desse jeito já é algo risível por si só. [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/Weh9DM>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 26 de julho) Já caiu, só falta ser oficialmente comunicado pela Alerj. [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/jDhfok>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 27 de julho) É o efeito cascata... Cabral tira corpo fora e coloca a culpa dos abusos no Beltrame. [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/Weh9DM>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 28 de julho) Ao ler os comentários a respeito da Marcha das Vadias, vi necessidade de perguntar a vocês. [...] [Comentário no Facebook]. Retirado de <<http://is.gd/kExAtE>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 28 de julho) Nota do movimento Marcha das Vadias no Rio de Janeiro a respeito da marcha do dia 27 de Julho [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/svRppg>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 29 de julho) Evento: <<http://is.gd/BcT1Z6>> [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/a6bYXM>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Anonymous Rio. (2013, 29 de julho) Um das imagens mais chocantes da Jornada Mundial da Juventude, a guarda fazendo um cordão para proteger os peregrinos [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/xu7q8r>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 21 de julho) Será que chiquinho vai ver o brasil como ele realmente é ? [Postagem no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/Q2XRYr>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 22 de julho) Escrevo ao povo, ao Papa, “governantes” e “autoridades” policia. [...] [Postagem no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/SWy4Bd>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 22 de julho) <<https://www.youtube.com/watch?v=wux8Nkt6htA>> Filé suíno flambado à molotov, servidos? [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/Y5B0BB>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 22 de julho) quem puder identificar esse fdp eu fico grato, foi ele que prendeu o ninja [...] [Postagem no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/myZckI>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 23 de julho) Hue [Postagem no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/KgN0TW>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 23 de julho) Poema do PM queimado: Em manifestação no Rio [...] [Postagem no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/bLpPO1>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 23 de julho) Rio de Janeiro 22/07/2013 [Comentário no Facebook] Disponível em: <<http://is.gd/iA2AH3>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 23 de julho) Uma equipe dos Advogados Ativistas acabou de assistir o vídeo da prisão de um dos membros do Mídia Ninja. [...] [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/78H84O>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 24 de julho) Boa tarde, mas na verdade não é. O facebook desativou a conta de TODOS os admins da página. [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/Q6Oy-BU>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Black Bloc RJ. (2013, 25 de julho) tipo isso ‘-’ [Comentário no Facebook]. Disponível em: <<http://is.gd/HgIfOp>>. Acesso em: 30 jul. 2013.